

9

89

SUSPIROS  
**SAUDOSOS,**  
 E METRICOS

DE ALGUNS ENGENHOS PORTUGUEZES

na deploravel morte

DA SERENISSIMA SENHORA

**D. FRANCISCA,**  
 INFANTE DE PORTUGAL.

*falecida em 15. de Julho de 1736.*



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,

Impressor do Senhor Patriarcha.

---

M. DCC. XXXVI.

*Com todas as licenças necessarias.*

Vende-se na logea de Bernardo Rodrigues, Livreiro,  
 no largo do Corpo Santo.

*Comp*

*7.12.5*

SUSPIROS  
 SAUDOSOS  
 E METRICOS  
 DE ALGUNS ENGENHOS PORTUGUEZES  
 SAUDOSOS  
 DA SERENISSIMA SENHORA

D. FERANCISSCA  
 DIGNA DE PORTUGAL  
 Felicidade em 17 de Julho de 1776



LISBOA OCCIDENTAL  
 Na Officina de MICHEL ROBRIGUES  
 Impressor de Sua Magestade

M. DC. CXXXVI  
 Vendê-se na loja de Bernardo Rodrigues, Livraria,  
 no largo do Corpo Santo, a 17 de Julho de 1776



SUSPIROS  
 SAUDOSOS, E METRICOS  
 DE ALGUNS ENGENHOS PORTUGUEZES  
 na deploravel morte  
 DA SERENISSIMA SENHORA  
**D. FRANCISCA,**  
 INFANTE DE PORTUGAL.

SONETO I.



**Q**MUNDO chora com razão magoado  
 O retiro da bella Infante Augusta,  
 Sendo para o pezar causa mais justa,  
 Que esconda a pedra, o que não pode o fado.  
 Moveo Cloto cruel no golpe irado  
 Esta ausencia, que tanto ás almas custa,  
 Mas se a falta da vista nos affusta,  
 Vemos nos coraçoes o seu traslado.  
 Oh pôde fer que o marmore constante  
 Não lhe occulte as reliquias tão decente,  
 Como as sabe guardar o zelo amante:  
 Não seja o jaspe já urna excellente,  
 Que a memoria nos peitos de diamante  
 Sepulchro lhe lavrou mais permanente.

*Dinis Joseph de Mello e Castro.*

SUSPIROS SAUDOSOS,

SONETO II.

**P**arca atroz, nossos peytos corrobora  
 A razão sábia na violencia tua,  
 Porque não póde ser mágoa commua  
 O bem particular do que se adora.

Quem mal quer, a ventura alheya chora  
 Fazendo muito, porque se destrua;  
 Não mais choremos não a gloria sua  
 Pois fora semrazaõ, se odio não fora.

He conceito imprudente, ou mais que fundo,  
 Que o que foy para o Ceo felicidade,  
 Possa ser para nós pezar profundo:

Suspendaõse os lamentos da saudade,  
 Que he, quando o Ceo se ri, chorar o mundo  
 Delicto contra a summa divindade.

*De Joaquim Antonio da Rosa.*

SONETO III.

**S**O' hoje, altiva Parca, reduziste  
 A discurso prudente a tyrannia,  
 Que a divindade por allegoria  
 No Ceo não vive, se na terra assiste.

Logrou a esfera, que he agora triste,  
 O bello affombro, que os affectos cria;  
 Porque se visse que no mundo havia  
 Semelhanças da gloria, onde hoje existe.

Celebrem nossas magoas a victoria,  
 Com que o Ceo quiz de vida melhorasse  
 Trocando pela eterna a transitoria:

Injusto fora que entre nós durasse,  
 Pois só póde viver para a memoria,  
 Quem morrendo com Deos, para Deos nasse.

*Do mesmo Autor.*

SONE-

IV SONETO IV.

**S**E em menos coraçoens esta crueldade  
 De Cloto hoje estivera repartida,  
 Mais que no duro golpe, conhecida  
 Fora nelles a atroz ferocidade.  
 Atreueose do folio á immensidade,  
 Cruel, mas respeitosa, esta homicida,  
 Porque deixou, da flor levando a vida,  
 Illesa a fé, que a venerou deidade.  
 A que no trono foy da vista enleoy,  
 Na urna adoraçãõ he do cuidado  
 Sem susto, que no amor salva o receyo:  
 E por indulto hum participado,  
 O marmore da urna tambem veyo  
 A ser sem erro grandè idolatrado.

*De Feliz da Sylva Freire.*

IV SONETO V.

**S**I de la muerte en ti la saña dura  
 O' Infante flor, no tuvo resistencia,  
 Que otro exemplo mayor de insubsistencia  
 La discricion espera, y la hermosura?  
 Tirana Cloto en este estrago apura,  
 Más su furiosa, y rapida violencia;  
 El rayo quando busca la eminencia,  
 En mayor lid mayor triunfo procura.  
 Del marmol donde escribe su victoria,  
 Más que en la cumbre excelso en el cimientto  
 Humilde tu piedad la vana gloria  
 Que essa urna, esse erigido monumento  
 Yá más será recuerdo a la memoria,  
 Sin que tambien lo sea al sentimiento.

*Do mesmo Autor.*

## 6 SUSPIROSSAUDOSOS,

## SONETO VI.

**A** Usentou-se de nós; quem tal cuidara!  
 Com breve duração; quem tal dissera!  
 Que hum astro, de que o Sol luzes quizera,  
 Entre horrores tambem o occaso achara.  
 No occaso não ficou, que se ficara,  
 Taõ brilhantes luzeiros não tivera,  
 Pois elevada além da quarta esfera,  
 Se vestio outra luz mais pura, e clara.  
 Não morreo; porque a morte não domina  
 Da Infante Augusta nesse altivo alento,  
 A que mais alta sorte se deffina.  
 Transferio-se ao celeste Firmamento,  
 Que quem da luz da graça se illumina,  
 Tem na patria do Impyrio eterno assento.

*De Fernando Antonio da Rosa.*

## SONETO VII.

**L**amenta, ó Lysia em pranto enternecida,  
 Que he de razaõ te mostres magoada,  
 Vendo do Reyno a flor já sepultada,  
 E do Palacio a luz amortecida.  
 Quem te dissera, ó Corte ennobrecida,  
 Que vißes flor, e luz equivocada,  
 O que era flor, em terra transformada,  
 O que era luz, em sombra reduzida.  
 Oh chora Portugal, sente, ó Cidade,  
 Esta vaidade avizo dos humanos  
 Que he bem se defengane a vaidade:  
 Vejaõ pois fenecer com defenganos,  
 A mais luzida flor na luz da idade,  
 A mais fragrante luz na flor dos annos.

*De Joseph do Monte Pereira.*

SONETO VIII.

**A** Luz regia, que em Lyfia houvera  
 Que o mundo no esplendor previra,  
 Cruel Atropos já retira,  
 A sombras reduzindo á esfera  
 Digna de culto, quem se pondera,  
 Prostra a Parca infiel, que respira  
 Deixando, só a quem suspira,  
 Que o peito ( donde a magoa ardera )  
 E se ainda usurpar perjura  
 A regia Infante a Parca avara  
 Em que a veneração se apura  
 Temte, Atropos, que a luz se aclara  
 Cessa, que o culto mais predura  
 E se mais teu rigor prepara,

*Do P. Joaquim Simpliciano do Canto.*

SONETO IX.

*Dialogo entre o tempo, e morte.*

**T.** Quem te atreves morte? *M.* A' formosura.  
**T.** E sem licença minha? *M.* Eu sempre a tenho.  
*T.* Estorvarte procuro. *M.* Louco empenho.  
*T.* Olha que o tempo sou. *M.* Eu morte dura.  
**T.** Francisca ha de viver. *M.* Na sepultura.  
*T.* A vida lhe hei de dar. *M.* Eu não convenho.  
*T.* Pouco podés. *M.* Tu nada. *T.* O desempenho  
 Esta minha verdade mais apura :  
 Porque a pezar de ti, fera homicida,  
 Que intentas offender com crueldade  
 Esta de Portugal prenda querida :  
 Eu farey que por toda a eternidade  
 Permaneça com mais segura vida  
 Na lembrança, na gloria, na saudade-

*De Manoel Joaquim Teixeira.*

## SONETO X.

**D** Etén el passo, errado caminante,  
 Y verás entre aquella piedra fria  
 A noche reduzido todo el dia,  
 En sombras eclipsado el Sol brillante.  
 El astro luminoso, estrella errante,  
 Muerta la luz, que al campo florecia,  
 Caida yá la altiva monarquia,  
 Gala de polvo el resplendor flamante.  
 Y pues oy de la Parca el braço fuerte  
 Dezhaze, assombra, corta, aparta y piza  
 La Magestade, la galla y la hermosura,  
 Vença el amor aqui la misma muerte,  
 Y sin contradizir la ley preciza,  
 Cada pecho le ofresca sepultura.

*Da senhora D. Maria da Gloria.*

## SONETO XI.

**B** Arbara execucion de infiel destino  
 Dexó caduca la deidade más bella,  
 Reduciendo a cometa una estrella,  
 Y a tierra lo que fué cielo divino:  
 Mas no te affuste, ó triste peregrino,  
 Ver los estragos, que esta losa cella,  
 Porque nó se apagando su centella,  
 Haze lo que es horror, de aplausos dino:  
 Admira en su luz siempre adorada,  
 La pension de la muerte desmentida  
 Que a su llama se vê sacrificada;  
 Pues aun en el tumulto escondida,  
 Si es maripoza en su pira abrazada,  
 Fenis en su ceniza és renacida.

*De Dinis Joseph de Mello e Castro.*

SONE-



## SONETO XII.

**S**uspende, ó Parca, a foice, se imagino,  
 Que de todo cessou tua crueldade,  
 Pois chegando a offender a Magestade,  
 Não tem mais que ultrajar teu desatino.  
 Que mais podes fazer com esse indino  
 Rigor, em que eternizas a faldade,  
 Se com tanta evidencia a atrocidade  
 Mais em nós executa o teu destino?  
 Se a regia Infante a cinzas reduzida  
 Intentaste occultar na sepultura  
 Não tens mais que offender, dura homicida:  
 Pois sendo estrago de huma formosura  
 No despojo, que fazes de sua vida,  
 O golpe igual em todos se assegura.

## SONETO XIII.

**P**or impulso da Parca a luz mais pura  
 Já perdeu de divina a immuidade,  
 Nem unida a belleza á Magestade  
 ( Duplicando esplendores ) se assegura.  
 Se victorias amor em vão procura  
 Lograr nos rendimentos da vontade,  
 Se a morte se atreveo á divindade,  
 Acabouse o poder da formotara.  
 Se teve aras, se cultos soberanos,  
 Já troca elevações em precipicios  
 A mais bella jactancia dos humanos:  
 O mesmo estrago dá do fogo indicios;  
 Mas ay que agora serve aos defenganos  
 A cinza, que ficou dos sacrificios.

SUSPIROSSAUDOSOS,

S O N E T O X I V .

**P** Agou tributo já como acrêdora  
 A' morte descortez, á Parca dura  
 A mais bella, e sublime creatura,  
 Que a nossa magoa já defunta chora.  
 Inculcava por bella, e por senhora  
 Victoriã conseguinte da sepultura,  
 Foy vencida a grandeza, e formosura,  
 Quando mais se inculcava vencedora.  
 Porém foy providencia soberana,  
 Que huma Senhora em tudo peregrina  
 Da morte obedecesse á ley tirana:  
 Para que no desmayo, em que declina,  
 A conheçaõ já todos por humana,  
 Pois todos a adoravaõ por divina.

S O N E T O X V .

**A** Ceita a dor ardente, o' bella Infante,  
 De mais dores nos olhos destillada;  
 Se he espirito a dor, pode elevada  
 Subir adonde está no mesmo instante.  
 Este effeito he da setta penetrante  
 Em tantos coraçõs eternizada;  
 Que a nobre fé na vista equivocada  
 Adora a luz no resplendor distante.  
 Se he o pranto vapor, sutil, perfeito;  
 Troque agora o seu liquido exercicio,  
 Suba dos olhos, e não desça ao peito:  
 Seja milagre a fórma do artificio,  
 Dous contrarios unidos no conceito,  
 O fogo ara, e o pranto sacrificio.

Do Doutor Luis Borges de Carvalho.

## SONETO XVI.

**N** Aſceo regio primor da natureza ,  
 Viveo gentil agrado das vontades ,  
 Morreo grilhaõ quebrado das ſaudades ,  
 Sepultouſe ruina da belleza.  
 Será Fenis das cinzas da triſteza ,  
 Voando ao lugar das divindades ,  
 Contará por milhoês eternidades ,  
 Logrando immortal ſer taõ regia Alteza.  
 Foy em fim paſmo , aſſombro , e foy portento ,  
 Neſſe ſolio real Infante amada ,  
 Que hoje ſe chora neſſe monumento.  
 De Reys filha , e irmã foy venerada  
 Que paſſando da terra a môr augmento,  
 Por ſe foy para o Ceo ſer deſpoſada.

*Do P. Joſeph da Cruz.*

## SONETO XVII.

**N** Aõ me queixo da tua crueldade,  
 Nem da tua fereza , ó Parca dura ,  
 Porque poder não tens na formoſura,  
 Nem a ti eſtá ſugeita a divindade.  
 Se reduces do mundo a immenſidade  
 A pó, ao nada de huma ſepultura,  
 Quem he toda do Ceo, eſtá ſegura  
 Do teu rigor , motor da ſaudade.  
 Deſſe furor não pode ſer objecto  
 Quem fez tranſito de huma melhor ſorte,  
 Nem podes ter emprego taõ ſelecto:  
 Pois querer empregar o cruel corte  
 Em huma divindade , he vaõ projecto,  
 Porque nella não tem dominio a morte.

## SONETO XVIII.

**S**ol, que en funesto occaso desmayado  
 Estais en vuestra Aurora anohecido;  
 Que esfera os tiene en nubes escondido,  
 O' que Planeta en sombras eclipsado?  
 Si acaso vuestro oriente haveis mudado,  
 Si en nube vuestros rayos se han metido,  
 Para nube os desmiente lo luzido,  
 Para Sol os deslustra lo nublado.  
 Sin duda ó Sol de un llanto en las centellas  
 Haveis querido hazer con pompa obscura  
 Las luzes tristes, y las sombras bellas;  
 Para que sea en perfeccion mas pura  
 Cada luz un eclipse a las estrellas,  
 Cada sombra un assombro a la hermosura.

*Anonymo.*

## SONETO XIX:

*Falla com a Corte.*

**Q**ue tens, ó Lyfia? Choras lamentada  
 A morte de huma Infante esclarecida,  
 Que por não ser da terra merecida,  
 Subio a ser na gloria eternizada?  
 Pois vê que nas razoens de magoada  
 Logras mais o dezar de inadvertida,  
 Porque choras a falta de huma vida  
 Quando a conservas immortalizada.  
 Suspende o pranto pois, e considera,  
 Que a nossa Augusta Infante está na Gloria,  
 Onde em fim triunfante persevera:  
 Nesses pranto malquistas a victoria,  
 Que soube conseguir da morte fera,  
 Conservando-se viva na memoria.

## SONETO XX.

*A morte fallando com a sepultura.*

**S**acro horror, cuja pompa defafia  
 Egypcias sepulcraes magnificencias,  
 Aviso es de divinas providencias,  
 Se escandalo de humana idolatria.  
 Quem nunca coube em ambitos do dia,  
 Dando aos raios de amor doces violencias,  
 Em ti pedra do toque das paciencias  
 Hoje se estreita, sendo cinza fria.  
 Oh quaó serve este exemplo á formosura,  
 O' Niobe dos prantos congelada,  
 Se obsequios queres, se discretos cultos:  
 Altar serás aos votos da ternura,  
 Que as Troyas da belleza idolatrada  
 Guardaõ nas cinzas respeitados vultos.

*De Alberto de Azevedo.*

## SONETO XXI.

**A**bre razaõ a luz dos defenganos  
 Pallido arcano dessa campa dura,  
 Que peitada tal vez da formosura,  
 Calla os horrores, dissimula os danos.  
 Se em fataes córtes a caducos annos  
 Estrago chora já na sepultura,  
 Quem foy nas aras mimo da ventura,  
 Numen benigno aos cultos Lusitanos.  
 Agonizada flor da Primavera,  
 Nas manhãs eclipsados luzimentos  
 Indaga, moraliza, vê, pondera:  
 Ah formosura! Rosa exposta aos ventos,  
 A penas frias do vapor na esfera,  
 Melancolica voz dos escarmentos.

## SUSPIROS SAUDOSOS,

## SONETO XXII.

**F** Abio, esse Sol, que en claro firmamento  
 Tanto viste brillar con luz radiante,  
 En sombras oy se mira agonizante,  
 Quanto fue de esplendor raro portento.  
 Mira el orbe confuso en sentimiento,  
 Porque essa Lysia pierde un Sol flamante,  
 Que de luz siendo siempre respirante,  
 En muchos astros dexa el claro aliento.  
 Por querer mejor vida ( ó triste caso )  
 Yá muere el Sol en su sepulcro ardiente,  
 Nó lê si por destino, ó por acaso :  
 Pero quando se llega al Occidente,  
 Sin duda intenta su funesto occaso,  
 Porque quiere brillar en otro Oriente.

*Do Beneficiado Antonio Xavier Godinho.*

## SONETO XXIII.

**E** Sfa vida, que entrepida cortaste  
 Da regia Infante, ó Parca enfurecida;  
 Se em tal golpe ficaste engrandecida  
 Este pezar em nós mais apuraste :  
 Se por despojo as cinzas nos deixaste  
 Dessa bella deidade amortecida,  
 Ficando na memoria renascida  
 Na dor dos coragoens a eternizaste :  
 Ao teu furor se humilha a Magestade,  
 Que o decreto fatal todos condena  
 Sem haver distincão, mas igualdade :  
 Os tragicos estragos já serena,  
 Pois sendo eterna a Infante na saudade,  
 Naõ ha de ter limite a nossa pena.

*D. P. P. de A. G.*

SONE-

SONETO XXIV.

**Q**ue temeraria acção, mais que perjura,  
 Teu rigor executada, ó morte insana,  
 Que quem logra attributos de soberana,  
 Não deve sujeição á sepultura:  
 Se nem a Magestade está segura,  
 Com ira tão fatal, e deshumana  
 Nada se exime á fúria mais tyrana,  
 Se a ella está sujeita a formosura.  
 Dous respeitos ultraja a tyrannia,  
 Sem decoro nenhum á Magestade,  
 Pois transforma em estrago a idolatria:  
 Hum destes, que ultrajou, foy a deidade,  
 Outro da Magestade a soberania,  
 Ambos a impulsão atroz da crueldade.

SONETO XXV.

**M**orta te vê, e viva te venera,  
 Da Lusitania toda a fé constante,  
 Por te ver bella Infante triunfante,  
 Como estrella subir á tua esfera.  
 Se atrevida intentou a Parca fera,  
 Tua luz-eclipsar tão radiante,  
 Enganada ficou, porque inconstante  
 Neste golpe cruel mais te exaggera:  
 Eras estrella em tudo sublimada,  
 Pois deixava teu regio luzimento  
 Toda a Corte com jubilo animada,  
 Se de astros só o Ceo he proprio assento,  
 Como estavas na terra violentada,  
 Subiste a descansar no Firmamento.

## SONETO XXVI.

**C** Aminhante, que vás tão desattento  
 Accelerando os passõs, temte, pára,  
 Examina, pondera, vê, repara,  
 Quem occulta este regio monumento.  
 Examina de quem descanse o alento,  
 Pondera quem aqui se te declara,  
 Vê o estrago, que fez a morte avara  
 Nêsse golpe, que deo, tão violento.  
 Apreffate que não se difficulta  
 Veres quem deffã Parca a crueldade  
 Nêsse funereo tumulo sepulta:  
 Lê pois seu Epitafio, que persuade  
 Defenganos, pois diz: Aqui se occulta  
 A nada reduzida a Magestade.  
*Do P. Joaquim Moreira da Fonseca.*

## SONETO XXVII.

**P** Ara o Ceo sobe Infante protentosa,  
 A que na terra Infante respeitãda,  
 Em amor sobe toda entronizada  
 Essã de amor no immenso a mais mimosa.  
 Quem na terra viveo mysteriosa,  
 Não implica no Ceo ser collocada,  
 Que tem por timbre amor na prenda amada  
 Os lustres augmentar de mais formosa.  
 Assim contempla amor ao Ceo subida,  
 Quem em mais alto amor contou a idade,  
 O immenso lhe dá mais alta vida.  
 Se amor unido está cõ a divindade,  
 No Ceo assiste, Infante esclarecida,  
 A que unir soube amor a immensidade.  
*Do P. Antonio de Matos.*



## S O N E T O XXVIII.

**S** Ete lustros , que a Infante mais formosa  
 Nos melindres contava da grandeza,  
 Os incendios de amor em ouro preza ,  
 Que nas sombras do Sol enferma a rosa.  
 A que das Cortes foy pompa vistosa,  
 Foy triunfo de amor, da morte empreza ,  
 Que he ruina fatal da natureza  
 A idade fenecer mysteriosa.  
 Cesse o lamento pois , que a Parca dura  
 Suspende já não póde o seu cutello,  
 Que o bem, que goza, he mais que a formosura:  
 Se sempre foy da Parca alto modello  
 Talhar ás Magestades sepultura ,  
 Esta em sepulcro jaz mais alto , e bello.

*Do P. Antonio de Matos.*

## REFLEXOS DO PEZAR.

## ROMANCE ENDECASYLLABO

**N** Este canto , suspiro do discurso,  
 Eco da mágoa, voz do sentimento  
 Sejaõ doutas cadencias os desmayos,  
 Os gemidos rhetoricos conceytos.  
 A idéa reprima nos pezares  
 Essas elevaçoes do entendimento,  
 Que aonde embarga as vozes a tristeza  
 Mais aviva o pezar na pena os ecos.  
 Quantas ancias motiva a saudade,  
 Lamente o coração , e sinte o peyto;  
 Que se da regia mágoa saõ motivos,  
 Sejaõ da nossa dor justos effeytos.

Eclipsado

18      **SUSPIROS SAUDOSOS,**  
 Eclipfado fe admira o mais luzido  
     Astro , que illuminou noſſo emisferio ;  
     Mas no folio melhor, a que fe exalta,  
     Brilha com duplicados luzimentos:  
 Roubou a Parca cruelmente ouſada  
     Rayos ao claro Sol do Luſo Imperio ;  
     Porém com tal ventura , que o caduco  
     Luzir transforma em reſplendor eterno.  
 A' flor mais bella , que na pompa grata  
     Era attractivo iman dos affectos ,  
     De hum ſopro horrendo lhe deyxou proſtrado  
     Naõ ſó a pompa , a graça , e os alentos.  
 Mas que importa , Princeza eſclarecida ,  
     Que em vós illuſtre a Parca ſeus progressos ;  
     Se deyxais como flor ſer momentaneo ,  
     Para ires lograr hum ſer perpetuo ?  
 Por indulto da ſumma providencia  
     No tranſito mostrais, e com myſterio ,  
     Que fugindo do mundo a ſeus dominios ,  
     Sois flor, em que naõ tem dominio o tempo.  
 No ſagrado jardim da eterna Patria  
     Amante girafol vos confidero ;  
     Que do divino Sol rayos buscando ,  
     Já lograis de ſuas luzes os reflexos.  
 Naõ cabieis no mundo , nem o mundo  
     Era capaz de ter em ſi o immenſo ,  
     Porque a quem como vós he do Ceo toda ,  
     He todo o mundo domicilio eſtreyto.  
 Quantos ſe viraõ felizmente ufanos  
     A productos do voſſo affavel genio,  
     Já ſaudoſos , e tristes ſacrificaõ  
     Os coraçõens ao voſſo monumento.  
 Foſtes , ſenhora , com real preſença  
     Da formoſura , e graça unico objecto ,

Mas

Mas a morte cruel deyxou trocada  
 A formosura em sombra , a graça em vento.

Alegria geral do Reyno todo

Se ostentava no vosso agrado regio ;

Hoje na vossa falta a dor se estende

A ser da magoa assumpto no universo.

Se o mauseolo nos esconde-avaro

Tanta gloria nas sombras , eu pondero ,

Que se hontem poz limite á nossa gloria,

A' vossa o não porá , porque he sem termo.

Occultevos embora a urna triste ,

Que a saudade a pezar do esquecimento

Fará que se eternize na memoria,

Infante Augusta , vosso nome excelso.

*De Fernando Antonio da Rosa.*

ROMANCE ENDECASYLLABO.

**F** Oy mysterio esta morte , que a dor sente

Violencia cruel da Parca injusta ,

Pois nos mesmos estragos , que origina ,

Hum sacramento aos olhos difficulta.

No Epitafio sagrados defenganos

Se ostentaõ de estar morta a formosura ,

Mas o discurso venerando-a viva ,

Na mesma morte o immortal lhe julga.

Que importa , que se occulte aos nossos olhos ,

Se a memoria a suppoem na sepultura ,

Mostrando as realidades de estar viva

Nas proprias apparencias de defunta ?

Pois impossivel he , que a Magestade ,

Que para as attengoens nunca he caduca ;

Deyxe ficar as cinzas da belleza

Expostas ás pensoens da triste tumba.

Que

**SUSPIROS SAUDOSOS,**

Que seria triunfo limitado

Do seu preclaro ser, se a morte dura  
Profanando do eterno os privilegios,  
Fizesse ás suas cinzas esta injuria:

Nesta urna se ostentaõ manifestas  
Ao respeito, que o mundo lhes tribura,  
Pois belleza, que he causa de saudades,  
Nunca aos applausos póde estar occulta.

Vinculando as Auroras aos occasõs  
Acabou, como Sol, a Infante Augusta,  
Aprestando da terra o luzimento,  
Para illustrar o Impyrio, que a procura.

Mas era o mundo deste Astro indigno  
E quiz mostrar o Ceo como costuma,  
Que só para elle nasce huma belleza,  
Em que do Ceo as perfeicoens se fundaõ.

Naõ esperado violento impulso,  
De tyrannia mortal crisis aguda,  
Para exemplo aos nossos defenganos  
Fez sujeitar á morte a formosura.

Taõ sem remedio o cruel estrago  
Apressou nosso dano em sua injuria,  
Que nem tempo nos deo estando enferma  
Para a podermos considerar defunta.

Mas julgar-se hum tal dano he impossivel,  
Pois prevendo a crueldade a sorte astuta,  
Para buscar desculpas, ao que mata,  
Soube encubrir motivos, ao que affusta.

Padeceo toda a Corte o sentimento  
Da infame Parca esta victoria summa  
Trasladando aos olhos quantas magoas  
Saõ naufragio da vida, que as discursa.

Naõ podendo caber no peito a pena,  
Nas almas a razaõ hum altar lhe funda,

**E M E T R I C A S.**

Em que pendendo os votos das faudades,  
A sua adoraçã sennaõ consuma.

Mas naõ se tema, que arruine o tempo  
A grandeza, que a vida lhe assegura,  
Pois para a venerarmos sempre eterna  
Templo serã cada memoria sua.

*De Diniz. Joseph de Mello e Castro.*

**ENDECHAS ENDECASYLLABAS.**

**S**uspende, Atropos misera,  
Suspende os voos rapidos,  
Com que ultrajas o florido  
Deyxando o bello Abril Dezembro pallido.

Deyxa cruel Antipoda,  
Dõs coraçoens escandalo,  
De ser de invictas purpuras  
Rayo sem luz, triste, escuro relampago.

Pois nessa augusta inçlyta  
Infante, que no barathro  
Occultas, tristes Pyramos  
Deyxas pela faudade os Lusos Tantalos.

Reprime os teus alligeros  
Arrojos, com que os halitos  
Roubas da vida á celebre  
Formosura, que encheo do mundo os ambitos.

Nesse affombro dos seculos,  
Que em teus designios barbaros  
Dás da urna ao deposito,  
O purpureo mudaste em negros habitos.

Na belleza foy unica,  
Mas na duraçã atomo,  
Que era o mundo demerito  
Para ser deste Sol luzido talamo.

Por

## 22 SUSPIROSSA UDOSOS,

Por se eximir dos terminos  
 Com privilegios maximos,  
 Deyxa da terra o funebre  
 Para ir ostentar na gloria o candido.

Altos Heroes Olympicos,  
 Pensamentos volaticos,  
 Fazey nossa dor publica  
 Do luzido Oriente ao Polo Antartico.

Fazey doutos Hyperboles  
 Com discursos magnanimos,  
 Que estas Endechas rusticas  
 Saõ da pena cruel mudos oraculos.

E com altivos methodos  
 Vossos engenhos praticos  
 Dem da magoa aos estimulos  
 Para a triste expressãõ subtris vocabulos.

Porque em perennes lagrimas  
 A faudade a paragrafos  
 Faz, que do pranto as rubricas  
 Emendem Nilos, porque augmentem Balticos.

Nos sentimentos intimos  
 Dos Lytios ternos animos  
 Saõ discretos interpretes  
 Os suspiros, que exhala o peito Caucaço.

Nos bronzes, e nos evanos,  
 Cedros, jaspes, e sandalos  
 Conserve sempre intrinseco  
 Amor lembranças desse pasmo Atlantico.

Porém, Lytia, se atonita  
 Chorás da Infante o transito,  
 Muda o pezar acerrimo,  
 Que a faudade motiva em doces canticos.

Sirvaõte á dor de antidoto  
 Nestes do alento vagados,

Quantos de gloria jubilos  
 Foy lograr por divino beneplacito.  
 Que em finissimos marmores  
 Coloffos a faldade irá lavrandonos ,  
 Onde em letras de perolas  
 Fique immortal seu nome augusto , e maximo.

*Fernando Antonio da Rosa.*

DECIMAS.

**M**Orreo a Infante adorada  
 Do Lusitano-emisferio ,  
 Era curto hum só Imperio  
 Para ser idolatrada :  
 A morte bem apressada  
 Chegou , andou entendida ,  
 Pois , se observasse a luzida  
 Belleza , daquella sorte  
 Deixaria de ser morte ,  
 E passaria a ser vida.

II.

Morreo, porém mal discorre  
 O juizo , se se occulta ;  
 Que o Sol tambem se sepulta ,  
 E mais o Sol nunca morre :  
 Se no mar , aonde corre ,  
 O Sol resuscita tanto ,  
 Esse magestoso encanto ,  
 Essa luz amortecida  
 Poderá com igual vida  
 Renascer no mar do pranto.

III.

Dous Fenis lograõ venturas  
 Entre os prodigios mais graves,

Hum

## SUSPIRÓS SAUDOSOS,

Hum he Fenis entre as aves ,

Outro entre as creaturas :

Se as cinzas frias , e puras

Naõ podem ceder ao rogo ,

Para o noſſo deſafogo

As converta amor em brazas ,

Pois já que elle tem as azas ,

Seja , quem accenda o fogo.

## IV.

Mas naõ morreo, he verdade

De mais provavel certeza ,

Que he immortal a belleza ,

E he eterna a divindade :

Para fazer a ſaudade

Fingio a morte eſte enima ,

Pois ſe o matar tanto eſtima ,

Sem que offenda o regio alento ,

Quiz roubar no fingimento

As vidas , de que ſe anima.

*Do Doutor Luiz Borges de Carvalho.*

